

# **Públicos da cultura, os lugares do estranho**

[versão 1.0 | Draft]

*People exist for the most part in their life-world like fish in their cultural water.*  
David Inglis

*The modern social imaginary does not make sense without strangers.*  
Michael Warner

## **Resumo**

### **Introdução**

Quando Ortega y Gasset escreveu "Eu Sou eu e Minhas Circunstâncias", dava a entender que não se pode compreender a subjetividade prescindindo dos contextos e do momento histórico em que se vive, e das pessoas com quem se estabelecem relações.

A composição social das nossas cidades está em constante mutação, tendo por isso mesmo a 'Diversidade Cultural' assumido nos últimos anos uma importância política sem precedentes. É nosso objectivo neste trabalho equacionar o seu significado e as suas práticas do lado dos públicos da cultura.

Estarão as instituições públicas no geral, e as privadas com financiamento público, atentas à participação de indivíduos marcados pela diferença?

## **1. Globalização cultural, migrações e cidades**

Bastará estar um pouco atento para nos apercebermos que existem muitas visões sobre o fenómeno 'globalização', desde as mais hegemónicas e afinadas pelo diapasão do 'capitalismo triunfante' às contra-hegemónicas que vêm promovendo, desde o Fórum Social Mundial, uma alter-globalização -sob o já bastante divulgado slogan 'um outro mundo é possível'. De uma forma ou de outra, parece haver consenso quanto ao facto de a globalização ser a designação dada à actual tendência do processo histórico em curso. Esta tendência desenvolve-se segundo diversas dimensões: política, económica, social, ambiental ou cultural; as quais produzem variados efeitos ou consequências.

A dimensão cultural da globalização, como qualquer das restantes, está sujeitas a múltiplas

interpretações e modelos teóricos. Talvez o modelo mais amplamente divulgado seja o do 'imperialismo cultural', caracterizado como uma dominação estratégica efectuada através da difusão e homogeneização de valores e produtos culturais por multinacionais e grandes corporações, designadamente as americanas. Este modelo pressupõe a passividade do consumidor ao nível da recepção cultural.

Segundo Diana Crane<sup>1</sup> existem ainda outros três modelos teóricos:

- O modelo reticular ou de fluxos culturais, contrariamente ao do 'imperialismo cultural' não é sustentado a partir de um centro que difunde para as periferias (países menos desenvolvidos), deste modo a globalização cultural corresponderia a uma rede de fluxos e trocas culturais em que os produtores podem também ser consumidores. Neste modelo a tónica é colocada na hibridização (*crioulização*) em vez de na homogeneização cultural. Esta forma de globalização é suportada por uma infraestrutura tecnológica que permite a existência de redes mundiais de produção e troca simbólica.
- O modelo veiculado pela teoria da recepção, enfatiza o papel activo dos públicos, ao considerar que os diferentes grupos ou comunidades interpretam de maneira diferente os mesmos objectos culturais. Assim, em vez de imperialismo pode falar-se em multiculturalismo, isto porque estas comunidades interpretativas não consideram que os produtos difundidos pelas multinacionais globais sejam uma ameaça às suas identidades locais.
- Um último modelo referido por Crane é aquele que impele a uma competição por parte de estados, regiões ou cidades, os quais pretendem ver as suas formas culturais (artísticas, industriais ou patrimoniais) como mercadorias consumíveis mundialmente. Este modelo está, p.e., na origem das estratégias de marketing urbano.

Estas diferentes concepções podem actuar simultaneamente sobre o mesmo território, não sendo por isso estanques ou auto-imunes, pelo contrário, contaminam-se criando tensões complexas sobre a malha urbana.

O modelo que aqui mais nos interessa é aquele que reúne globalização e teoria da recepção, uma vez que é aquele que se concentra no papel activo dos públicos da cultura, enquanto resposta específica a determinado produto cultural.

A relação entre globalizações, migrações e cidades atingiu uma visibilidade impossível de não se verificar empiricamente; de tal modo que se tornou difícil imaginar a preservação

---

1 Diana Crane, *Cultural globalization from the perspective of the sociology of culture*, 2002  
([http://www.stat.gouv.qc.ca/observatoire/symposium2002/Crane\\_an.pdf](http://www.stat.gouv.qc.ca/observatoire/symposium2002/Crane_an.pdf))

incontaminada das culturas locais. Assiste-se antes a uma heterogeneidade social e cultural, de estilos e comportamentos sociais<sup>2</sup>. Os benefícios de uma diversidade cultural global e local, por contraponto a uma unicidade homogeneizante, são exemplarmente defendidos por T. S. Eliot quando refere que «Na realidade, podemos depreender do que já se disse sobre o valor das culturas locais que uma cultura mundial, que seria tão-só uma cultura *uniforme*, não seria cultura alguma. Teríamos uma humanidade desumanizada. Seria um verdadeiro pesadelo.»<sup>3</sup> (itálicos no original).

Os intercâmbios entre as dimensões global e local das culturas tanto podem dar-se por via imaterial com recurso aos meios de comunicação e às tecnologias de imagem e informação -onde os processos de digitalização da cultura vêm incrementando estas possibilidades-, ou por via material através da troca de produtos ou do fluxo migratório internacional- ou diaspórico- de pessoas.

A uma escala global a questão da 'diversidade cultural' vem sendo interpretada e aplicada sob várias perspectivas, e onde não está alheia a dinâmica da 'História' no que concerne à viragem pós-colonial que provocou a emergência do sentimento de 'direito à diferença' generalizado a várias categorias (género, orientação sexual, étnica,...).

Na Europa, a tónica vem sendo colocada no reconhecimento das diferenças associadas à presença de pessoas (cidadãos parciais<sup>4</sup>) de países de origem não europeus, designadamente quanto à articulação da diferença étnica no espaço público: «Para simultaneamente dar relevo ao nosso património comum e reconhecer a contribuição de todas as culturas presentes nas nossas sociedades, é necessário alimentar a diversidade cultural num contexto de abertura e de intercâmbios entre diferentes culturas. Porque vivemos em sociedades cada vez mais multiculturais, devemos, por conseguinte, promover o diálogo intercultural e as competências interculturais.» (Comissão Europeia, Comunicação sobre uma agenda europeia para a cultura num mundo globalizado, Bruxelas, 10 de Maio de 2007).

Num texto intitulado «Eurocities Response to the Communication ' A European Agenda for Culture in a globalizing world'», pode ler-se : «The challenge for cities is to successfully celebrate diversity while providing a framework that enables the development of a shared sense of belonging, civic pride, citizenship and urban identity. Cities have a key role to play in facilitating and supporting intercultural dialogue promoting mutual understanding and acceptance, and overcoming

---

2 Cf., FORTUNA, Carlos e SILVA, Augusto Santos, «A cidade do lado da cultura:Espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural», in Santos, Boaventura Sousa(org.), *Globalização-fatalidade ou utopia?*, Porto, Edições Afrontamento, 2001, pp. 409-461

3 T. S. Eliot, *Notas para uma definição de Cultura*, Lisboa, Edições Século XXI, 2002, p. 70

4 O termo 'cidadãos parciais' é usado para referir o estatuto dos emigrantes que não sendo ilegais no país de acolhimento estão ainda assim sujeitos a restrições de diversos tipos: condições de emprego, direitos de cidadania, direitos legais,etc. (Cf., Arjun Appadurai e Katerina Stenou, *el pluralismo sostenible y el futuro de la pertenencia*)

barriers between different groups. Cultural activities and events can make a unique contribution to promote cultural diversity by encouraging interaction between people, the expression of cultural identity, enabling better understanding between people and tackling racist behaviour and intolerance.» (Eurocities, Setembro 2007).

Certamente que as apologias oficiais ou institucionais no âmbito europeu, e em abstracto, são por si só louváveis. Contudo, serão as diferenças concretas (políticas, geográficas, dimensionais, etc.) entre as cidades europeias que determinarão a prática *in situ* da diversidade cultural e do diálogo intercultural. É preciso não olvidar que, como anteriormente referimos, a globalização nas suas diferentes perspectivas e dimensões origina dilemas localizados, sendo que um dos mais observáveis é aquele que coloca em confronto as perspectivas de um urbanismo competitivo (marketing urbano e renovação das cidades) e as do pluriculturalismo/transculturalismo (diversidade cultural).

Um dos 'estudos de caso' passíveis de evidenciar esta tensão entre o marketing urbano e a diversidade cultural será a cidade de Barcelona. Num texto recentemente publicado na revista *Humboldt* (número 95/2007) sob o tema 'apropriações da cidade', Manuel Delgado<sup>5</sup> chega a afirmar que «No caso de Barcelona, a constatação de que converter a cidade em puro produto de marketing exigia que ruas e praças estivessem sob permanente observação criou a necessidade de eliminar ou ocultar qualquer elemento que pudesse contestar a imagem que se pretendia oferecer de um espaço público isento de qualquer ingrediente de conflituosidade»<sup>6</sup>. O que aquela postura autoritária pressupõe é a homogeneização da imagem da cidade tornando-a assim mais adequada a um uso cerimonial ou turístico, numa lógica funcionalista e tautológica, recusando as marcas de heterogeneidade próprias das acções e interacções significantes e das realidades fragmentárias e incoerentes que compõem as várias *ciudades* existentes dentro da cidade, chegando-se mesmo a estigmatizar minorias étnicas e culturais.

Ainda assim persiste um mistério, que é o de saber como se relaciona este programa de gentrificação do centro da cidade com o Plano Estratégico de Cultura de Barcelona, no qual é explicitamente referido que «El reto actual de la cultura, y no es un reto menor, es extenderla a todas las capas sociales. Las ciudades son cada vez más complejas y la cultura permite la creación de valores democráticos y de convivencia, y es bueno que todo el mundo participe. Las nuevas realidades del siglo XXI han convertido las ciudades en espacios de intercambio desde los que

5 Manuel Delgado (1956, Barcelona) é professor titular de Antropologia Religiosa no Departamento de Antropologia Social da Universidade de Barcelona. Tem trabalhado sobre a construção de identidades colectivas em contextos urbanos. A sua obra mais recente é *Sociedades movedizas* (2007).

6 Manuel Delgado, *Barcelona: o mito do espaço público*, Humboldt nº95, 2007, p.34

podemos imaginarnos el futuro.»<sup>7</sup>?

Portugal, em termos de políticas de gestão da diversidade cultural, tomou como opção o modelo Intercultural<sup>8</sup>, visão igualmente patente no *Plano para a Integração dos Imigrantes*, no qual se prevê o «reforço da expressão da diversidade cultural em todos os domínios e actividades com incidência na área da Cultura»<sup>9</sup>, designadamente através dos equipamentos culturais, bem como o «apoio a iniciativas que promovam o diálogo intercultural e a multiculturalidade»<sup>10</sup>. Segundo o MIPEX<sup>11</sup> (Index de Políticas de Integração de Migrantes) Portugal encontra-se posicionado em segundo lugar, logo a seguir à Suécia. O que significa que Portugal criou um quadro jurídico para a integração composto por políticas favoráveis e pelas melhores práticas. Neste ponto, e indo de encontro à temática que aqui propomos abordar, seria útil conhecer qual a representação dos imigrantes na composição dos públicos da cultura dos diversos equipamentos culturais.

## 2. Espaços públicos e sociabilidades interculturais

Consideramos os equipamentos públicos (semi-públicos, de facto, porque existe sempre alguma forma de condicionamento, p.e., o preço do ingresso), a cidade com os seus diversos espaços público urbanos, os media como espaço público discursivo, ou os dispositivos reticulares que permitem intersubjectividade sem constrangimentos. Contudo, uma característica que deve ser sempre tida em conta é a dimensão conflitual do espaço público, conflito social, político, cultural, etc.

Os equipamentos culturais são espaços públicos relacionais – provocam formas de sociabilidade e mediações-, e lugares onde se dá o encontro entre os textos e a sua recepção pelos públicos<sup>12</sup>. São também espaços produzido socialmente (Lefebvre) motivadores de práticas sociais especializadas.

7 Plano Estratégico de Cultura de Barcelona (Novembro 2006). Acessível em [http://www.bcn.es/plaestrategicdecultura/pdf/Plan\\_Estrategico\\_CulturaBCN.pdf](http://www.bcn.es/plaestrategicdecultura/pdf/Plan_Estrategico_CulturaBCN.pdf)

8 «Mais do que uma coexistência pacífica de diferentes comunidades e indivíduos, o modelo intercultural afirma-se no cruzamento e miscigenação cultural, sem aniquilamentos, nem imposições. É uma dinâmica interactiva e relacional. Muito mais do que a simples aceitação do “outro” a verdadeira tolerância numa sociedade intercultural propõe o acolhimento do outro e transformação de ambos com esse encontro, decorrendo daí um novo “Nós”. Sempre plural, mas também coeso.» (Editorial de Julho 2007, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Disponível em [http://www.acidi.gov.pt/docs/editoriais/EDITORIAL\\_JULHO\\_2007.pdf](http://www.acidi.gov.pt/docs/editoriais/EDITORIAL_JULHO_2007.pdf))

9 Resolução do Conselho de Ministros n.º 63-A/2007, artº 58.

10 *Idem.*, artº 59

11 Acessível em [http://www.acime.gov.pt/docs/Eventos/MIPEX\\_2007.pdf](http://www.acime.gov.pt/docs/Eventos/MIPEX_2007.pdf)

12 «Publics are essentially intertextual (...)no longer mediated by the codex format.» Michael Warner, *Publics and Counterpublics*, New York, Zone Books, 2002, p. 16

Resumidamente, trata-se de espaços simultaneamente abstractos -porque interpretativos, enunciativos ou discursivos, geradores de intercomunicação- e de espaços físicos/materiais «de interacção e encontro das diferenças sociais, étnicas e culturais que, aí, tendem a suspender ou a reduzir a sua desconfiança mútua e que se condensa sobretudo na cidade contemporânea.»<sup>13</sup>

Neste momento ocupamo-nos apenas da hipótese do alargamento dos públicos enquanto possibilidade de interculturalidade, mas, temos a consciência de que as “práticas de interculturalidade” não se resumem ao consumo cultural ou a estratégias meramente integracionistas<sup>14</sup>. De qualquer modo parece-nos empiricamente impossível dissociar a oferta da procura cultural. A programação cultural, mediadora/geradora da oferta, interage com os públicos através das mediações na 'esfera pública cultural'. Aos diversos *modus faciendi* da programação cultural corresponderão diversas estratégias (ou ausência de estratégias) e graus de legitimação, bem como concepções distintas de comunicação com os públicos.

As denominadas 'práticas culturais de saída' (por contraponto às práticas domésticas) são por excelência aquelas que permitem o uso colectivo dos espaços e dos equipamentos públicos. Referimo-nos mais especificamente as práticas de 'cultura cultivada', e não tanto às práticas de lazer, uma vez que são aquelas que melhor traduzem as «tensões à luz das quais se reequacionam hoje as condições de cidadania e de participação na vida colectiva, sobretudo no contexto urbano»<sup>15</sup>, sobrecarregadas ainda com a pressão da reprodução social, nomeadamente no que respeita à estratificação clássica dos públicos, cujo efeito parece favorecer a selecção e a exclusão social, e não tanto uma configuração desses espaços (equipamentos culturais públicos) como lugares de cosmopolitismo e interculturalidade, lugares de mediação simbólica e afectiva entre os indivíduos e entre estes e a cidade, e lugares também do confronto dos sujeitos com os seus pares e os estranhos (imigrantes, estrangeiros, turistas, etc).

A este propósito vale a pena citar uma das conclusões do estudo coordenado por Carlos Fortuna: « No caso português, a partir do terreno das práticas e dos consumos culturais, bem como das especialidades em que decorrem, não é tanto possível ir além do reconhecimento que o espaço público tanto pode ser redinamizado e proporcionar uma sociabilidade mais densa e uma participação mais democrática com benefícios para a qualidade da cidadania vivida, como pode ser instrumentalizado ao serviço do reforço das competências e das capacidades já estabelecidas e da

13 Carlos Fortuna *et al.*, *Espaço público urbano e cultura em Portugal*, in revista *Crítica de Ciências Sociais* nº 52/53, Fevereiro 1999

14 « Intercultural practices does not seek to integrate 'others' into a given order but to remake the civic culture and public sphere so they reflect the diversity of the city and its citizens.» Colin Mercer (*apud* Jude Bloomfield and Franco Bianchini), *Local Policies for cultural diversity*, UNESCO, 2006

15 Carlos Fortuna *et al.* (1999)

cristalização das hierarquias sociais.»

Neste sentido, apesar de os discursos sobre a democratização da cultura (o acesso universal) produzirem formas de consenso generalizado (retórica), as práticas efectivas acabam por revelar profundas clivagens e realidades excludentes.

Este 'consenso operacional' é produzido e controlado pelas instâncias de poder (político, mediático ou institucional) favorecendo a reprodução social ,i.e., a reprodução das desigualdades, alimentando a inércia no mundo social, cuja causa e existência aparece aos olhos do mundo como sendo eterna e metafísica<sup>16</sup>, irresolúvel portanto. Deste modo, «a relação com o poder toma, por consequência, um tom inevitável de uma certa submissão ou aceitação da ordem estabelecida.»<sup>17</sup>. A resignação acaba por ser o resultado da hegemonia consensualista (violência simbólica), impregnando fortemente as estruturas do *habitus*, pois, é na sua dupla estruturação (estrutura estruturante e estrutura estruturada) que se inscrevem (*embodiment*), reproduzem ou emergem as «disposições duráveis», os esquemas de percepção e as funções cognitivas .

Se tivermos em consideração que os efeitos do *habitus* podem ser infletidos de forma inovadora e não reprodutora, e se considerarmos que as Artes e as práticas culturais possuem essa capacidade disruptiva, temos que as instituições culturais podem ser esses lugares de transformação social e de sociabilidades abertas ao estranho (ao estrangeiro, ao imigrante, às orientações sexuais não hegemónicas, em suma, ao outro, para além do homem branco europeu de classe média, etc...) e mais susceptíveis de proporcionar o tão divulgado diálogo intercultural.

É que só pode existir verdadeiro diálogo intercultural - intercompreensão/interconhecimento entre indivíduos com origens culturais distintas- se o espaço público propiciar a interlocução e o reconhecimento do «direito humano à narração»<sup>18</sup>, que é fundamental para a construção de comunidades diversificadas e não consensuais.

O que requerá das instituições políticas e culturais a missão de promover igualmente o direito a ser ouvido, isto é, o direito à expressão cultural como «direito à diferença em igualdade»<sup>19</sup>, reclamando-se deste modo uma «cidadania simbólica»<sup>20</sup> não securitária – sem a preocupação, entretanto já naturalizada e impregnada no *habitus* dos cidadãos europeus, com o selo da certificação das origens culturais ou das identidades étnicas<sup>21</sup>.

16 Boudieu *dixit* no filme-documentário “ La sociologie est un sport de combat”

17 João Pissarra Esteves, *Espaço Público e Democracia: comunicação, processos de sentido e identidades pessoais*, Lisboa, Colibri, 2003, p. 137

18 Cfr., Homi K. Bhabha, «Ética e estética do globalismo: Uma perspectiva pós-colonial», in *A urgência da teoria*, Gulbenkian, 2007, p. 25

19 Etienne Balibar (*apud* Homi K. Bhabha, 2007) p. 34

20 *Idem* p.37

21 A questão da 'integração dos imigrantes' gera normalmente alguns equívocos. No entender de Rui Pena Pires, «o

Como salienta Laurent Fleury, «Loin d'être neutre, l'organisation de la relation entre individus et oeuvre d'art produit des effets qui permettent de conclure au pouvoir des institutions culturelles (...) les institutions culturelles apparaissent ainsi comme le résultat mais aussi la condition de possibilité des politiques publiques de la culture.»<sup>22</sup>

### 3. Públicos da cultura e instituições culturais, que lugares para o estranho?

No texto original de Georg Simmel, intitulado *Exkurs über den Fremden*<sup>23</sup>, o significado de «estranho» a equivalente ao de «estrangeiro», «forasteiro» ou «desconhecido». Sendo aí considerado como aquele que de alguma forma reside (mais ou menos temporariamente) num determinado território urbano, isto é, como a pessoa que chega hoje mas que não parte já amanhã, tendo por isso tempo suficiente para interagir com o grupo preexistente, e do qual não fazia parte desde o início.

Da perspectiva do grupo de acolhimento, o estranho é «a imprevisibilidade personificada que veio surpreender o quotidiano, sobretudo o quotidiano citadino (...) o estranho é uma categoria terceira que nos força a reflectir sobre uma série de possibilidades e contingências de comportamentos e atitudes.»<sup>24</sup>

A relação com o estranho é caracterizada por uma combinação de proximidade e de distância. O estrangeiro está próximo de “nós” enquanto sentirmos a existência de caracterizações comuns (nacionalidade, estatuto social, profissão ou a pertença à espécie humana em geral). Mas está distante quando aparece a sensação de estranheza -igualmente possível também em relações íntimas- que indicia um sentimento de indiferença face à singularidade das caracterizações comuns, devido ao aparecimento na consciência de uma generalização da ideia de que essas caracterizações podiam afinal ser atribuídas a qualquer outro indivíduo, numa experiência já vivida milhares de

---

primeiro desses equívocos consiste em pensar a imigração como o processo de formação de minorias étnicas. Ora a formação de minorias étnicas é, frequentemente, não o resultado da imigração em si, mas antes a consequência da acumulação de situações de exclusão e de estigmatização nas populações imigradas. Mais rigorosamente, é a consequência da procura, por parte dos excluídos, de uma identidade positiva com que possam enfrentar os processos de estigmatização de que são alvo. (...) O segundo equívoco consiste em atribuir aos imigrantes uma “identidade cultural” e uma pertença comunitária referenciáveis à sua origem (...) uma representação estereotipada do “outro”» ( Rui Pena Pires, *Emigrados em Portugal*, revista Con(m)textos de Sociologia nº1/2001, Associação Portuguesa de Sociologia, p. 10)

22 Laurent Fleury, *Sociologie de la culture et des pratiques culturelles*, Paris, Armand Colin, 2006, p.91-107

23 Georg Simmel, *Fidelidade e gratidão e outros textos*, Lisboa, Relógio D'água, 2004, p. 133

24 Carlos Fortuna *et al.* (1999), p. 440

vezes<sup>25</sup>.

Simmel explicita que haverá ainda um outro grau de estranheza radical que impossibilita a relação entre estrangeiro/estranho e o grupo, uma estranheza que gera um sentido não-positivo de estrangeiro como, no exemplo apontado pelo autor, aconteceria entre Gregos e Bárbaros. Esta situação corresponderia a uma «tolerância negativa», enquanto expressão da indiferença e da distância que surge sempre quando encontrando-se num espaço confinado, por exemplo a praça pública urbana -ou o equipamento cultural público-, as pessoas não interagem nem comunicam entre si ou segregam-se e invisibilizam-se simbolicamente. O que por esta via estaria em causa seria uma diminuição da «intensidade e da frequência com que se insinuem nos quotidianos urbanos as ambivalentes relações sociais de estranhamento e a supremacia dos espaços domésticos como refúgios.<sup>26</sup>»

Sendo este um diagnóstico geral das condições actuais de retracção do espaço público, uma política que promova a diversidade e a cidadania cultural, enquanto aspectos fulcrais da democracia cultural, terá de sustentar o direito a *ser-se diferente*, para todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, foram colocados do lado de fora das normas sociais e culturais dominantes.

Tony Bennet equaciona quatro princípios de democracia cultural focados na preocupação política de passar de um paradigma da homogeneidade a um da heterogeneidade, tais como<sup>27</sup>:

- a igualdade de oportunidades para a participação na totalidade das actividades que constituem o campo cultural da sociedade em questão;
- a obrigação dos governos e outras autoridades de nutrir as fontes da diversidade através de mecanismos imaginativos;
- a obrigação da promoção da diversidade de modo a estabelecer interacções entre diferentes culturas, em vez de motivar enclaves separados.

Retomando agora a noção de 'públicos da cultura', enquanto conceito sociológico e não como objecto de análise, podemos então falar de públicos como um *tipo específico de relação social*, mais concretamente da relação das pessoas com as instituições especializadas das sociedades contemporâneas<sup>28</sup>, instituições estas que configuram assim um espaço (semi)público relacional.

25 Georg Simmel (2004), p. 139

26 *Ibidem*.

27 Menciono apenas alguns tópicos referidos por Tony Bennet.

*Cf.*, Tony Bennet, *Differing Diversities, transversal study on the theme of cultural policy and cultural diversity*, Estrasburgo, Edições do Concelho da Europa, 2001

28 *Cf.*, António Firmino da Costa, «Dos públicos da cultura aos modos de relação com a cultura: algumas questões teóricas e metodológicas para uma agenda de investigação», *Públicos da Cultura - actas do encontro organizado pelo Observatório das Actividades Culturais*, OAC, 2004, p. 131

Do lado dos indivíduos enquanto potenciais elementos constituintes dos 'públicos da cultura', convirá esclarecer o nosso acordo em relação às perspectivas “individualistas” dos modos de ser público. Neste sentido temos em consideração os trabalhos de Bernard Lahire<sup>29</sup>, Mark Granovetter<sup>30</sup> ou de François de Singly<sup>31</sup>. Esta linhagem de leituras implica a consideração de disposições múltiplas e mutáveis, da assunção da identidade como sendo essencialmente dinâmica e de repertórios plurais de orientação da acção da pessoa singular. A simples existência de múltiplos públicos possibilita a multipla pertença dos indivíduos. A este propósito Lahire refere que « Plutôt que de présupposer la systématique influence d'un passé incorporé nécessairement cohérent sur les comportements individuels présents (...) La pluralité des dispositions et des compétences d'une part, la variété des contextes de leur actualisation d'autre part sont ce qui peut rendre raison sociologiquement de la variation des comportements d'une même individu, ou d'une group d'individus (...)»<sup>32</sup>.

Os públicos, entendidos como comunidades provisórias ou passageiras que se mantêm para lá da circunstância ou do objecto que contemplam<sup>33</sup>, geram um espaço público por onde circulam discursos de forma minimamente auto-organizada. Um público não é apenas um aglomerado de pessoas que 'por acaso' ocupam um lugar em determinada ocasião, ou o seu somatório.

Como refere Michael Warner, «The peculiar character of a public is that it is a space of discourse organized by discourse.»<sup>34</sup> Os discursos tornados públicos (classificações, opiniões, críticas, comentários, interpretações, etc.) geram *campos de recepção* onde se estruturam legitimidades e contra-legitimidades, acordos e desacordos ou consensos e conflitos, produzidas pelos actores sociais, cujas relações ultrapassam obviamente os laços de amizade ou vizinhança. Contudo, para que sejam possíveis práticas/performances intertextuais em ambiente intercultural, é necessário a abertura, a disponibilidade e a contextualização do espaço público -agora como lugar físico, como equipamento cultural<sup>35</sup>.

---

29 Bernard Lahire, *La cultures des individus*, Paris, La Découvert, 2006

30 Mark Granovetter, *The strength of weak ties*, Sociological Theory, Volume 1 (1983), 201-233.]

31 François de Singly, *Uns com os outros, quando o individualismo cria laços*, Piaget, 2006

32 B. Lahire (2006), p.14

33 Cf., Pierre Sorlin, *Le mirage du public*, Revue d'histoire moderne et contemporaine, n° 39, p.91

34 Michael Warner, *Publics and Counterpublics*, New York, Zone Books, 2002, p. 68. Este será também um dos tópicos constitutivos da noção de público segundo o autor: « A public is the social space created by the reflexive circulation of discourse». (p. 90)

35 Neste contexto, Jean-Pierre Esquenazi, esclarece que «a actividade dos públicos seria caracterizada por uma eficácia performativa. Por outras palavras: à medida que se relacionam com os objectos/produtos culturais, os públicos vão dando forma ao espaço social onde se desenvolvem essas relações» ( Sociologia dos públicos, Porto Editora, 2006, p.84). Empiricamente falando, esta hipótese terá de ser equacionada com a gestão democrática dos equipamentos e com tipologias de programação cultural singularmente desenhadas, as quais teriam de ser concebidas inicialmente em paralelo com acções de animação cultural destinadas a cruzar de forma pertinente procuras e ofertas culturais.

É porque o público ultrapassa um simples conjunto de amizades, que Michael Warner considera como uma das caracterizações possíveis a relação entre estranhos<sup>36</sup>. No contexto dos públicos, como de algum modo já estava implícito em Simmel, o estranho/estrangeiro não é tido nas sociedades modernas como o maravilhoso ou exótico, pois, a presença urbana face ao estranho/estrangeiro é hoje rotineira, deste modo ele pertence ao nosso mundo e ao nosso imaginário, ou deveria pertencer.

No caso específico dos públicos da cultura (dos equipamentos), e tendo em conta as concepções individuais anteriormente referidas, nomeadamente de Bernard Lahire, o estranho/estrangeiro/imigrante tem direito ao seu lugar a título de participação como pessoa singular, resgatado portanto à mera hiper-identificação estereotipada com a “minorias étnica” ou com uma identidade cultural conotada com o seu país de origem, conforme salienta Rui Pena Pires.

No enquadramento da gestão dos equipamentos culturais, deveria haver então uma atenção à gestão da diversidade cultural, o que implicaria algum nível de análise da composição dos públicos utilizadores dos diversos equipamentos culturais...

#### **4. Conclusões e sugestões**

...

---

36 « A public is a relation among strangers» (Warner, p. 74)